



Amadeu
Soares

Nasci em 1933, na freguesia de Travanca em Oliveira de Azeméis. Aos 10 anos comecei a trabalhar nas obras do bairro do Centro Vidreiro, por intermédio do empreiteiro Sr. Raposo. Passados alguns anos o Sr. Raposo foi contratado pelo próprio Centro Vidreiro. Eu porém mantive-me sem nenhuma ligação ao Centro Vidreiro. Continuava, portanto, um “funcionário ilegal” que ajudava nas obras do Centro Vidreiro.

CENTRO VIDREIRO

Mas eu era chamado esporadicamente para substituir algum funcionário do Centro Vidreiro que faltasse. Fazia a substituição com muito prazer, até porque um dia de trabalho na arte do vidro tinha menos três horas do que um dia de trabalho nas obras. Aconteceu que, passados quatro anos a trabalhar nas obras do Centro Vidreiro, foi preciso um ajudante no departamento da fundição do Centro Vulcano. O responsável pelo departamento (chamava-se Sr. Ribeiro, tinha sido anteriormente chefe na Alba), pediu um ajudante ao Sr. Pimenta, na altura chefe do Centro Vidreiro. Fui eu o escolhido.

Na altura em que eu fui chamado para o departamento da fundição. O Sr. Mateiro, dono do Centro Vidreiro, não se encontrava em Portugal, mas a verdade é que quando chegou não simpatizou comigo.

Lembro-me de uma prensa que fizemos em que só o prato da prensa pesava dois mil quilos. Era uma prensa que comprimia telhas de luzalite para a Cimianto, uma empresa que fora sempre cliente do Centro Vidreiro, principalmente em válvulas.

CENTRO VULCANO

Fizemos também uma máquina Triplibomba com 2 grandes pistões, em que o prato era também igualmente pesado. Tratava-se de uma cópia de uma máquina da fábrica Boémia, em Bustelo, que comprimia as pedras para os fornos do Centro Vidreiro.

Chegamos também a fazer basculantes, a partir da cópia de uma basculante dos cantoneiros, que nos emprestaram durante duas semanas. Para isso desmon-

tamos a bomba hidráulica da basculante, para fazer cópias. Porém recordo-me que o pistão original era com um tubo de 8 polegadas, mas nós não tínhamos tubo de 8 polegadas e optamos por um de 6 polegadas. Mas dessa forma não se conseguiu a força suficiente e o basculante não conseguia levantar. Usamos depois tubo com 10 polegadas. Para testar enchemos a camioneta de areia. O resultado foi que levantou com tanta força que até a longarina cedeu!

Na fundição, fazíamos bastante trabalho para fora, mas também fazíamos material de suporte para o Centro Vidreiro. Recordo-me de fazermos uma máquina de fazer palha - a palha era necessária para empalhar o vidro. O Centro Vidreiro era o único sítio onde se arranjava emprego durante a 2ª Guerra Mundial. A crise era grande e sentiu-se nos combustíveis. No Centro Vidreiro faziam-se adaptações para os carros trabalharem a gasogénio.

Gostava muito daquilo, principalmente porque adorava trabalhar na fresadora.

Trabalhei lá com muitas pessoas que prosperaram na indústria de moldes. Recordo-me do Landeau, do Santos Godinho, do Néilson e do Lúcio.

Mas eu era chamado esporadicamente para substituir algum funcionário do Centro Vidreiro que faltasse. Fazia a substituição com muito prazer, até porque um dia de trabalho na arte do vidro tinha menos três horas do que um dia de trabalho nas obras.

PLÁSTICOS NO CENTRO VIDREIRO

O Lúcio foi trabalhar para o Centro Vidreiro com a intenção do Sr. Mateiro em trabalhar em moldes para plásticos. Até esta data a produção mais parecida com plástico era a produção de tampas de baquelite para os frascos vidro. Esta ideia surgiu numa encomenda de canecas que tinham uma asa de plástico. O Sr. Mateiro comprou uma máquina de injeção de plástico, onde fazia a produção com o molde que o Lúcio tinha feito.

Mais tarde houve uma oportunidade fomentada pela Hércules, de Espinho, para o Centro Vidreiro voltar a trabalhar com moldes para brinquedos em plástico, mas o Sr. Mateiro preferiu sempre continuar a trabalhar em vidro. Acho que esta política por parte do Sr. Mateiro foi uma das razões para o Lúcio ir para a Marinha Grande trabalhar. Lembro-me que posteriormente a Metaloura desenvolveu bastantes encomendas para a Hércules.

DO CENTRO VULCANO À METALOURA

Aos 18 anos fui legalizado como empregado no Centro Vulcano. Dessa forma obtive as regalias de um operário, como por exemplo as férias. O Centro Vulcano era uma casa de serralharia, que fazia esmagadores e prensas. Comecei por trabalhar na serralharia, e posteriormente fui para uma fresadora de marca Vitória.

Foi nessa altura que o Domingos Gil, um colega meu do Centro Vulcano, juntamente com o seu sobrinho que se chamava Quim Gil, foram os intermediários do meu ingresso na Metaloura, que já era uma fábrica sofisticada que trabalhava quase em exclusivo com moldes.

O Quim Gil disse-me que a Metaloura tinha comprado uma fresadora nova e perguntou-me se não estaria interessado em ir para lá trabalhar. Aos 21 anos fui trabalhar para a Metaloura.

Estava com intenções de casar, mas eu e a minha noiva sentíamos que a nossa



situação monetária era fraca, precisava de subir os meus rendimentos e na altura surgiu até uma proposta da Simoldes Aços. Aceitei a proposta deles mas de seguida faltei com a palavra, pois quando fui avisar à Metaloura que me ia embora eles ofereceram-me melhores condições, que eu não podia recusar.

Casei ao 24 anos, e só depois é que tive a oportunidade de acabar a 4ª classe. **QUARTA CLASSE**
 A minha vida sempre me exigiu muito esforço pois rapidamente me apercebi que para sobreviver é preciso trabalhar. Venho de uma família muito humilde. Com base num mau relacionamento entre os meus pais tive desde muito cedo de ajudar a minha mãe. O meu trabalho era pago à minha mãe, para dessa forma ajudar a família. Eu nunca tive grandes condições. Lembro-me de que aos 18 anos ainda andava descalço.

Até esta data a produção mais parecida com plástico era a produção de tampas de baquelite para os frascos vidro. Esta ideia surgiu numa encomenda de canecas que tinham uma asa de plástico. O Sr. Mateiro comprou uma máquina de injeção de plástico, onde fazia a produção com o molde que o Lúcio tinha feito.

Inicialmente a Metaloura só tinha um dono, chamava-se Sr. Loura. Mais tarde deu sociedade ao encarregado Alfredo Frias, que era oriundo da Pátria, em Guimarães, onde era serralheiro. Antes havia sido colega do Lúcio na Aires Roque. **METALOURA**

O Sr. Loura pouco percebia de moldes. Na verdade ele era negociante de gado. A família dele era conhecida nesse ramo e tinha alguns talhos na zona. Digamos que ele era o capitalista e por isso precisou do Sr. Alfredo Frias, que era conhecedor na arte dos moldes.

Quando comecei a trabalhar na Metaloura, esta tinha cerca de 15 funcionários. **TONI JONGANELEN**
 A verdade que a fábrica dava dinheiro, e viveu durante algum tempo dos bons resultados. A Hércules, através do Tony Jonganelen, encomendava-nos muitos

moldes de brinquedos e de utilidades domésticas e também existiam as encomendas directas do Sr. Tony Jonganelen para os seus contactos de clientes nos Estados Unidos. Trabalhei na fresadora, mas também cheguei a trabalhar com um pantógrafo que se comprou na altura.

Porém a Metaloura não investiu nas ferramentas e comecei a sentir que estava a ficar sem condições de trabalho. Chegou mesmo ao ponto de não haver brocas. Viviam-se também um ambiente de desconfiança entre o Sr. Loura e o Sr. Alfredo, que não era de todo saudável. Achei que de facto era o momento certo para sair da Metaloura. Trabalhei na Metaloura cerca de 10 anos.

AINDA A METALOURA Fui depois trabalhar durante dois meses com o A. Silva Godinho em Bustelo. Trabalhava com o António e o Ilídio Foca. Logo a seguir o Sr. Loura fez-me uma proposta de ficar com a oficina, juntamente com o Pinho. Conhecia muito bem o Pinho - era formado na Escola Industrial e tinha sido ele a ensinar-me muito da arte na fundição no Centro Vidreiro.

Marcamos uma data para a escritura, que seria feita juntamente com um cunhado do Sr. Pinho, que se chamava Miguel Ferragola. Mas a verdade é que a escritura foi desmarcada pelo Sr. Loura, que abortou o acordo comigo. A escritura foi feita mas sem a minha presença, e a Metaloura ganhou mais dois sócios: o Pinho e o David Frias, além do Sr. Loura e Alfredo Frias.

eu gostava tanto do meu ofício que este me absorvia todo o tempo e dedicação. Acredito que nasci para este ofício pois acordava já a pensar no trabalho

SIMOLDES Por essa altura recebi uma proposta da Somatex do Porto, através do Germano, que curiosamente era sobrinho do Sr. Loura. Mas a Simoldes voltou a fazer-me uma proposta. A verdade é que eu era já um funcionário conceituado e bastante apreciado pelo Tony Jonganelen, talvez o mais importante negociador de moldes na região, e esta aproximação ao Tony tornava-me cobiçado.

Porém, como nessa altura já conhecia melhor o António Rodrigues, da Simoldes, e simpatizava bem com ele, acabei por aceitar a proposta da Simoldes, apesar das piores condições salariais.

A Simoldes também começou a fazer moldes para o Tony Jonganelen, mas o Tony exigiu antes que a Simoldes comprasse determinadas ferramentas para assim garantir a capacidade de resposta às suas encomendas. Um dia o Tony, apertado com uma encomenda, ofereceu-me dez contos se garantisse o prazo certo da encomenda do molde. Era uma quantia bastante elevada para a época, mas certamente coincidente com a urgência do molde! Era um molde de uma camioneta de brincar, que foi todo feito na minha bancada, porque assim exigiu o Tony, que acreditava mesmo nas minhas competências. As expectativas não foram goradas e recebi os dez contos!

Acredito que contribuí bastante para a evolução da Simoldes. Primeiro porque fui o elo de ligação entre o Tony e a Simoldes, e dessa forma a Simoldes começou a trabalhar para os Estados Unidos. Segundo porque eu era habilidoso e comecei a garantir competências que a Simoldes ainda não tinha.

O António Rodrigues confiava muito em mim. Conhecedor da minha eficiência, ele exigia ainda mais de mim. Por vezes até fui mal interpretado pelos meus colegas, porque me concentrava demasiado nas minhas tarefas e descurava a formação da arte aos meus colegas, mas a verdade é que eu gostava tanto do meu ofício que este me absorvia todo o tempo e dedicação. Acredito que nasci para este ofício pois acordava já a pensar no trabalho e por essa razão revoltavam-me os sistemas de trabalho desleixado de alguns colegas. Até ficava doente ao ver determinados trabalhos com tão mau acabamento.

A Simoldes foi evoluindo muito, mas o verdadeiro impulso foi quando começamos a trabalhar com a Renault, com o lançamento do Renault 5.

Sempre tive muito brio. Lembro-me da minha dedicação a um molde de um bule encomendado pelo Viana Jorge. O bule tinha uma pega da tampa que era muito pequena e naquela altura ainda não havia erosão. Fiz um cortante com um feitio e ia desbastando com uma broca ou com umas puncetas. Depois mandei temperar o aço em Ovar. O molde tirava seis peças impecavelmente iguais. Se fosse hoje teria sido feito em erosão.

A Simoldes foi evoluindo muito, mas o verdadeiro impulso foi quando começamos a trabalhar com a Renault, com o lançamento do Renault 5. Toda esta evolução foi acompanhada com as melhores máquinas para a indústria de moldes que havia na altura. Esta foi sempre uma política da Simoldes. RENAULT 5

Reformei-me em 2000. Trabalhei cerca de quarenta anos na Simoldes. Vi os moldes a serem criados em meras oficinas de serralharia até aos dias de hoje. Vivi a revolução do desenho e posteriormente a revolução das CNC. Recentemente visitei as instalações da MDA do grupo Simoldes e confesso que fiquei admirado com as mais novas ferramentas. REFORMA

Vi os moldes a serem criados em meras oficinas de serralharia até aos dias de hoje. Vivi a revolução do desenho e posteriormente a revolução das CNC.

Tive que deixar o departamento de aços por razões de saúde. Foram momentos muito difíceis. Não encarei muito bem esta nova vida, e não sabia o que fazer em casa. Mas a verdade é que recuperei o meu bem estar, as dores de cabeça desapareceram e a minha visão melhorou bastante.

Dois dos meus quatro filhos trabalham na Simoldes. O meu filho chegou até a trabalhar comigo na empresa, e a minha filha, de 32 anos, que acabou recentemente o mestrado em gestão, trabalha nos escritórios da MDA.